

As últimas estátuas da antiguidade em al-Andalus.

Apropriar-se e reinterpretar o estranho

Jorge Elices Ocón

jorge.elices.ocon@gmail.com

Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) (Brasil)

As estátuas antigas no mundo ibérico têm sido estudadas em detalhes; o que, porém, não tem recebido atenção suficiente é o destino e a recepção das mesmas no al-Andalus, o período de dominação islâmica na Península Ibérica. Pretendo, nesta contribuição, reconsiderar esta lacuna na investigação e buscar conhecer o papel que tiveram as estátuas no al-Andalus.

Assim, procurarei estudar as referências concernentes nas fontes árabes escritas e na arqueologia, com o objetivo de produzir um catálogo das estátuas que restaram visíveis no al-Andalus. Pretendo mostrar como essas estátuas foram reinterpretadas e reutilizadas como talismãs nas cidades islâmicas, servindo como uma coleção moralizante do passado e exemplo e advertência para o futuro. As estátuas converteram-se em “lieux de memoire” e representam homens e mulheres que acumularam poder e sabedoria, tornando-se símbolos antigos conhecidos e poderosos que interagem com a população local, atuando na construção de sua identidade em diferentes frentes.

Enunciado do problema

Quando vemos o estado em que as estátuas e os sarcófagos figurados de *Madīnat al-Zahra'* foram encontrados, completamente fragmentados, é fácil concluir que os

muçulmanos destruíram as antiguidades sem qualquer consideração, apenas porque supostamente eram bárbaros. Esta recepção não europeia da Antiguidade nunca foi devidamente considerada, devido a preconceitos ideológicos e religiosos ou a barreiras linguísticas e acadêmicas. Não se considerou que este é um conjunto de antiguidades de valor extraordinário, descoberto, selecionado, armazenado e reutilizado em al-Andalus durante o século X¹.

A Antiguidade constitui um elemento essencial no debate sobre a construção da identidade europeia, mas, curiosamente, o mundo islâmico sempre foi excluído da partilha desse mesmo pano de fundo clássico. A ideia tradicional e comumente assumida é que o mundo islâmico nunca mostrou qualquer interesse pela Antiguidade, mas apenas ignorância e rejeição. Esta contribuição tem por objetivo problematizar essa questão, apontando para o fato de que a recepção da Antiguidade nas sociedades islâmicas medievais e, particularmente em al-Andalus, é mais poderosa e precede esse mesmo processo na Europa².

Existem poucos estudos analisando a recepção de antiguidades como um processo completo, considerando fontes escritas e evidências materiais para o período. As conclusões alcançadas mostraram um interesse autêntico no passado pré-islâmico, pouco abordado até o momento. Considerando todas as antiguidades mencionadas pelos autores árabes, as estátuas são, com grande diferença, os vestígios que receberam mais atenção, refletindo a percepção ambígua da Antiguidade nas sociedades islâmicas.

Estátuas são os exemplos mais claros de que mesmo aqueles elementos da Antiguidade que são estrangeiros também podem ser completamente integrados ao Islã em sua ortodoxia. Definido como *ṣūra* (imagem), *timtāl* (estátua) e *dumya*, e, também, como *ṣanam* (ídolo), um termo diretamente relacionado com o *yāhiliyya* (a era da ignorância) e paganismo na tradição corânica. Porém, longe de serem rejeitadas ou destruídas, as estátuas tornaram-se um elemento proeminente das cidades de al-Andalus, colocadas em seus portões e banhos, consideradas patronos ou “damas” (sing. Fem. *ṣāhibā*) de várias cidades e vistas como talismãs (sing. *ṭilsam*). De fato, pode-se dizer

¹ Yannis Hamilakis, 2011; Anderson, 2015; Beltrán Fortes, 1988-90; García García, 2004.

² Grafton, Most, e Settis, 2010; Bahrani, Çelik, e Eldem, 2011.

que muitos casos de mutilação de imagens pretendem realmente neutralizar esse componente mágico, apesar da repreensão do ato³.

A minha contribuição primeiro tratará do importante conjunto de notícias sobre estátuas masculinas e femininas documentados em al-Andalus, visto que as referências arábicas às estátuas mostram um papel claro para as mesmas e um conceito particular de beleza feminina, refletindo, também, diferentes construções culturais e identitárias de gênero e memória, em constante diálogo entre passado e presente. Dois exemplos a serem considerado são o Ídolo de Cádiz, o monumento antigo que obteve mais referências dos autores árabes, e a estátua feminina da cidade de Córdoba, identificada pelos autores com Vênus.

Objetivo

O objetivo desta contribuição seria apontar a complexidade desse processo único que ocorreu em al-Andalus. Estátuas clássicas passaram por uma grande mudança, como o título reflete: de serem consideradas apenas como ídolos pagãos para serem transformados em talismãs valiosos e parte da história cultural e identidade de al-Andalus.

As notícias relativas a estátuas são um dos aspectos mais interessantes das fontes árabes e das evidências testemunhadas pela arqueologia. Sua reutilização obedece a critérios práticos e estéticos, como em outros casos. Por exemplo, a localização dessas imagens figuradas em um lugar em particular – junto às portas e muralhas das cidades andaluzas – pode ter tido uma razão meramente prática: muitos dos cemitérios se encontravam nos arredores das cidades e seria fácil deixá-las próximo às portas como material transportado. Entretanto, outros critérios também devem ser considerados. Por um lado, as portas e muralhas das cidades são um símbolo dessas mesmas cidades, uma demonstração do seu poderio militar e riqueza. Por outro, as fontes árabes indicam que

³ Scagliarini, 2007; Ocaña, 1982; Flood, 2002 e 2006.

essas estátuas e imagens eram consideradas talismãs e tinham propriedades mágicas ligadas à astrologia, utilizando em casos concretos a palavra ‘talismã’ (*tilasm*).

Tudo isso nos revela um aspecto extremamente interessante, pois essa singular reinterpretação das estátuas pré-islâmicas serve precisamente para vencer as resistências que poderiam inspirar visões ligadas sempre à *yāhiliyya* e ao paganismo, e integrá-las ao presente andaluz, reinterpretando-as e identificando nelas uma função. De fato, pode-se argumentar que as destruições e mutilações de imagens que citávamos antes têm, na verdade, a intenção de ‘neutralizar’ essas estátuas e retirar justamente o seu componente mágico.

A reinterpretação mágica dessas estátuas é um fenômeno bem conhecido e bem documentado na tardo-antiguidade e em outras regiões do Mediterrâneo. Na verdade, a conexão com o antigo paganismo é talvez o aspecto mais atraente dessa reinterpretação islâmica das estátuas clássicas. A origem dessa conexão parece estar ligada justamente às comunidades helenizadas dos sabeus de Harã, onde a ligação com as tradições herméticas e astrológicas parecem estar na base dessas ideias. De fato, a conexão entre os talismãs e a astrologia aparece de vez em quando nas fontes andaluzas, de tal maneira que é possível apontar uma possível relação entre essas notícias e o desenvolvimento das ciências dos astros em al-Andalus já na segunda metade do século X, quando surgiram obras que se aprofundaram nessa conexão entre a astrologia e a magia talismânica.

As estátuas e imagens talismânicas eram definidas por aspectos ou características que estão evidenciados nas notícias: uma localização específica e precisa, mencionando com frequência uma origem pré-islâmica; e sua eficácia se sustenta por analogia, isto é, pela imagem do objeto sobre o qual um talismã exerce o seu poder. Tais estátuas e imagens estão gravadas em pedra, mármore, bronze, ouro ou outro metal precioso, e seu poder se baseia em uma correspondência com, ou influência de entes superiores que, em geral, estão ligados a um planeta ou figura celeste. Graças a isso, elas são capazes de proteger uma cidade, região ou até mesmo um país frente a qualquer tipo de ameaça (ataques por inimigos, invasões ou pragas e doenças). Mas se o talismã for alterado de alguma maneira, dissolve-se o seu encantamento e ele deixa de ser eficaz.

Metodologia

Esta contribuição baseia-se também em dois pilares metodológicos: o referencial teórico dos estudos acadêmicos e científicos e a metodologia empregada para analisar as referências materiais e textuais consideradas para o estudo.

Em primeiro lugar, o referencial teórico contemplado para a contribuição considerará os estudos de recepção de Antiguidade, que buscam a análise dos processos pelos quais o passado é recebido em tempos posteriores, aprofundando os critérios práticos e ideológicos. Por décadas, esta tem sido uma das linhas de pesquisa mais dinâmicas e frutíferas⁴. No entanto, estudos de recepção parecem ter limitações. Por um lado, devemos reconsiderar nossos conceitos de clássicos e Arqueologia de uma forma mais ampla, começando a assumir “outros” clássicos e arqueologias, com novas configurações e implicações epistemológicas, o que vem sendo levado a termo por alguns estudos ainda recentes, que tentam se concentrar nessas outras maneiras de perceber a Antiguidade, apontando “outras” recepções da Antiguidade para além do universo europeu. Um exemplo disso é a nova consideração do termo “antiquarismo” como aplicável não só aos modernos colecionadores europeus de objetos antigos, mas, também, à recepção islâmica da Antiguidade⁵.

Por outro lado, é necessário considerar outras abordagens de gênero, identidade, história cultural e estudos de memória para incluir “outras” recepções: identidades femininas e masculinas, históricas e discursos culturais, identidades nacionais e processos de memória e esquecimento nas sociedades medievais islâmicas. Existem poucos estudos analisando estes temas. Um primeiro esforço, de minha parte, em buscar me inserir nessas discussões, tratando, precisamente, de discursos alternativos, recepção da Antiguidade e perspectivas de gênero pode ser lido no texto: “Mujeres sin velo en al-Andalus: Reinas Preislámicas en al-Andalus”, em Aguilera, T., et al., (eds.), *Discursos alternativos en la recepción de la antigüedad*, Madrid, Universidad Autónoma de Madrid, Serviço de publicações, 2017.

⁴ Martindale e Thomas, 2006; Hardwick e Stray, 2008; Grafton, Most e Settis, 2010.

⁵ Kohl e Fawcett, 1995; Díaz-Andreu, 2007; Alain Schnapp, *et al.*, 2015; Anderson and Rojas, 2017;

Em segundo lugar, a metodologia para a minha contribuição considera a recepção da Antiguidade como um processo global e complexo que precisa ser analisado com todas as fontes disponíveis, isto é, fontes escritas e evidências materiais. As fontes árabes tiveram várias dificuldades em relação à cronologia e à transmissão textual que precisam ser resolvidas. Minha formação de arabista me permite trabalhar de forma satisfatória com as fontes originais, ou seja, analisar as pautas da transmissão textual dentre os autores árabes e reconhecer a antiguidade e verossimilhança das referências que trazem⁶.

Ademais, as semelhanças entre as fontes escritas e as evidências materiais são maiores do que as diferenças. Ambas as fontes apontam para a mesma direção, e ambas compensam os problemas de apenas considerar uma abordagem textual ou material, mas, é claro, a dificuldade das análises se torna mais complexa. Portanto, a minha contribuição considera uma abordagem multidisciplinar, empregando metodologias de diferentes disciplinas, como História, Filologia, Arqueologia ou História da Arte. A metodologia que utilizarei na minha contribuição consistirá em várias fases. Primeiro, todas as referências disponíveis sobre estátuas antigas serão catalogadas. Em segundo lugar, cada um deles será analisado para determinar sua cronologia e características formais. Para isso, será necessário realizar um estudo filológico das referências escritas e uma análise arqueológica e artística das estátuas encontradas. Em terceiro lugar, um estudo comparativo de todas as referências será realizado para indicar semelhanças e diferenças, bem como uma aproximação aos pontos fortes e lacunas que o estudo apresenta. Em quarto lugar, será realizada uma pesquisa histórica para fornecer a essas referências um contexto histórico, político, social e cultural, perguntando às fontes e tentando tirar conclusões. Assim, nosso intuito consiste também em buscar superar as barreiras acadêmicas e filológicas que tradicionalmente bloqueiam esse tipo de estudo e oferecer um estudo mais amplo a respeito do objeto em questão. Deste modo, os desafios inerentes à proposição desta contribuição poderão ser minorados.

⁶ Molina, 1982-3; Penelas, 2009a.

Qualificação prévia do candidato

Minha formação como historiador, especializado em História Antiga e História Medieval, com conhecimentos em Arqueologia, História da arte e árabe, adquirida durante minha carreira universitária e durante o desenvolvimento da tese de doutorado, contribuiu para tornar-me um pesquisador capaz de incorporar e projetar várias disciplinas e metodologias de trabalho. Meu doutorado está na História Antiga, mas minha formação é em História Medieval; também fiz vários cursos de árabe na Casa Árabe em Madrid, onde obtive os diplomas correspondentes.

Minha trajetória profissional sempre esteve marcada pelas conexões entre o Oriente e o Ocidente, e a conformação dos discursos de legitimação e identidades sobre a Antiguidade. Sempre gostei de poder entender melhor as limitações das abordagens tradicionais nas pesquisas e as vantagens de adotar uma perspectiva mais ampla e multidisciplinar.

Por estas razões, participei de seminários focados nas conexões entre Oriente e Ocidente e fui convidado a participar no congresso XI da Associação Zenobia, que aconteceu na Universidade de Amsterdã, em novembro de 2016. Participei também de conferências internacionais sobre na definição de "classicismo" e "recepção". Por exemplo, participei, em 2015, graças a uma bolsa de estudos que me foi concedida pelos organizadores, no congresso internacional "Globalized Classics", um curso em que profissionais de diferentes disciplinas e interesses se reuniram durante um mês para discutir, repensar e aprender sobre a ideia do mundo clássico antigo. E também nesse mesmo ano, assisti à reunião anual sobre recepção da Antiguidade, realizada na Universidade de Nottingham (Reino Unido), tem mais detalhes?.

Recentemente, acabei de apresentar para a editora espanhola Marcial Pons um manuscrito baseado em conclusões de minha tese doutoral, na qual faço uma análise comparativa com as recentes destruições patrimoniais na Síria e no Iraque, com o objetivo de refletir acerca das relações entre Antiguidade e modernidade e as leituras contemporâneas do mundo antigo, temas que também me interessam.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

Em dezembro de 2017 participei de um congresso da Universidade de Córdoba sobre a reutilização de materiais antigos. Ali apresentei as linhas principais desta contribuição e levantei a necessidade de se abordar o estudo de estátuas antigas e sua sobrevivência e reutilização em al-Andalus. E em março de 2018 também participei, na Universidade de São Paulo, no *Roman Cultural Memory Congress*.

Os estudos da memória e do esquecimento oferecem uma perspectiva interessante a partir da qual se analisam as fontes e evidências de al-Andalus. Nesse sentido, desde a publicação de minha tese venho escrevendo um artigo sobre os usos e abusos do passado nas caricaturas da revista *Molla Nasreddin*, um exemplo interessante que liga a Antiguidade, o nacionalismo e o colonialismo.

Enfim, esta contribuição é um novo e mais ambicioso passo na minha trajetória formativa e profissional, e pretende se constituir num aporte valioso para a comunidade acadêmica e social.